

AUGUSTO CURY

Armadilhas da mente



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Capítulo 1

Uma fazenda bela e misteriosa

Camille detestava psiquiatras. A nobre área da medicina não conseguia sensibilizar uma mulher que enfrentava o mundo exterior, mas tinha medo de entrar em contato com seu mundo interior. Sua mente era um cofre, tão sofisticada quanto fechada. Sua inteligência era extraordinária, tão complexa quanto difícil de lidar.

Ela acabara de sair do consultório de mais um profissional. Como sempre, foi embora confrontando-o, esbravejando, em eloquente crise de ansiedade. Dessa vez, no entanto, tinha sido diferente. A intelectual que deixava embasbacados psiquiatras, psicólogos, intelectuais e políticos com sua surpreendente capacidade de debater ideias saiu no meio da consulta inteiramente abalada. Recebera um diagnóstico que fez o mundo ruir aos seus pés.

A mulher rica e culta que tinha fobia social, que não andava sozinha nas ruas, que se recusava a ser o centro das atenções e detestava plateias, tornou-se atriz principal de um espetáculo público, uma peça que representava sua cálida e asfíxiada emoção. Não se importava com mais nada. Raramente chorava e nunca deixava transparecer sua dor. Dessa vez, porém, chorou descontroladamente. Conheceu a linguagem das lágrimas, a mais universal e penetrante de todas as locuções. Sentou-se numa mureta que contornava um belo jardim onde cresciam margaridas, jasmims e violetas multicoloridas. Seu mundo, no entanto, era destituído de cores e de flores.

Os passantes interromperam sua marcha para ver o espetáculo. Rodearam-na. Atônitos, vislumbravam uma bela mulher em prantos, desesperada, sofrendo tanto que havia perdido os freios sociais. Alguns se emocionaram e se identificaram com ela. Cedo ou tarde, todos têm seus dias de desespero, e não poucos espectadores ali presentes já os tinham experimentado. Com as mãos cobrindo o rosto, Camille proclamava:

– Quem sou eu? Quem sou eu? É insuportável! Quem sou eu?

A plateia emudeceu diante dessas simples e tépidas palavras. As pessoas não sabiam o que dizer ou como intervir. Alguns ficaram com lágrimas nos olhos. Outros, que iam se reunindo à multidão, perguntavam entre si “o que aconteceu?”. Outros ainda indagavam “quem morreu?”. Momentos depois, animado por um ímpeto altruísta, um homem de meia-idade tentou ajudá-la. Pensando que ela tivesse rompido a conexão com seu passado e perdido a memória, tocou suavemente no seu ombro direito e perguntou:

– Moça... Moça, você precisa de alguma coisa? Você está com seus documentos?

Ela não respondeu. Parecia não estar ali. Os passantes não tinham ideia de quem se tratava. Alguns eram leitores dos seus livros, mas não conheciam seu rosto, já que raramente ela dava entrevistas. Não sabiam que a mulher em pânico costumava ser discretíssima, raramente falava de si, sobretudo com estranhos, embora falasse dos porões da sua história de forma subliminar, através dos personagens que criava. Para aquela mulher, as ideias eram mais importantes do que a imagem. Após poucos segundos, ela rompeu as amarras do silêncio. Ergueu seus olhos úmidos para as pessoas e, revelando uma face angustiada e inconformada, exclamou:

– Estou muito doente! Muito... Mas digam-me! Eu pareço oferecer algum perigo? – E, passando os olhos pela plateia, perguntou: – Coloque suas vidas em risco?

Perplexo e confuso, o homem que havia falado com ela se adiantou e respondeu:

– Não! Penso que não...

Outro homem, de cabelos grisalhos e aparência de médico, arriscou-se a perguntar:

– O que você está sentindo?

Camille não demorou a responder.

– Estou com câncer.

Uma senhora com lábios trêmulos, tentando consolá-la, interveio:

– Oh, minha querida. Eu também já tive, mas me curei.

Camille olhou fundo em seus olhos e comentou:

– Mas o meu é na alma...

Mais uma vez o burburinho da plateia cessou. E alguém fez duas perguntas impossíveis de responder:

– Como localizá-lo? Como extirpá-lo?

Diante das faces atônitas dos passantes, Camille cobriu novamente o rosto, inconformada. Momentos depois, suspirando e soluçando, ela se levantou e partiu. Deixou para trás as pessoas que assistiam ao seu caos sem saberem quem ela era e qual o seu drama. Apenas agradeceu-lhes, com acenos de cabeça.

Camille certa vez escrevera em um dos seus romances: *A dor que eu vejo está na periferia do espaço, a dor que eu sinto está no centro do Universo. É maior do que você entende e muito maior do que explico.* Nunca tais palavras foram tão verdadeiras em sua própria história. Para a plateia, ela era mais um ser humano ferido que atravessara seu caminho. Mas o mundo de Camille estava desabando. A tarde caía. A noite rapidamente revelou seu rosto.



Enquanto isso, a 200 quilômetros de São Paulo, numa deslumbrante fazenda, nuvens carregadas cobriram a lua. Raios cortavam como

lâminas o breu da noite, regurgitando trovões ribombantes que pareciam gritar aos ouvidos dos homens e dos animais:

“Sois pequenos! Sois mortais!”

Assombrados pelo espetáculo de estrias de luzes e sons altissonantes, os pássaros encolhiam-se nos ninhos, os animais se abrigavam trêmulos sob os galhos das árvores e os homens se refugiavam calados sob seus cobertores. Foi uma noite de chuva torrencial na linda e misteriosa fazenda Monte Belo.

A tempestade insistia em se eternizar, mas, sem pedir licença, o sol convidou-se para a mesa daquela manhã. Reciclou a estética. Nuvens esparsas pincelavam a vasta tela do espaço azul-turquesa e cinza-claro. Segura diante dos embates da natureza, a estrela que rege a orquestra do dia acalmou os ânimos dos habitantes daqueles relevos com sua indecifrável luminosidade. Parecia bradar sem palavras:

“Aquietem-se! Angustiantes tempestades anunciam belos amanheceres.”

E sutilmente foi aparecendo como gema de ouro brindando a floresta, produzindo silhuetas vivas que dançavam como sombras sob a regência dos ventos. Numa euforia irrefreável, os pássaros começaram a assoviar para o espetáculo. Nascia um dia radiante.

Os animais saíam do abrigo das árvores sem delas se despedirem. Nenhum reconhecimento, nenhum agradecimento. Tal como os homens que nunca saldaram as dívidas de quem os acolhe. Mas as árvores, de braços abertos, mais altruístas do que os humanos, nada lhes cobravam. Desprendidas, anunciavam com os suaves estalidos das folhas:

“Na próxima tempestade estaremos aqui!”

A fazenda Monte Belo cumpria mais uma jornada. Algumas lágrimas do céu ainda percorriam o contorno dos corpos das aves. Os bem-te-vis, os primeiros a despertar, tinham motivos irrefutáveis para emudecer, se enraivecer, protestar contra a cruel natureza.

Ninhos derrubados, seus filhotes silenciariam o chilrear. Mas, com magia inexprimível, homenageavam a vida, cantarolavam com vigor, revelando uma transcendência e uma resiliência inexplicáveis. As rolas salpicavam sons sem alternâncias de notas, mas não menos arrebatedores do que os pássaros gorjeadores. As andorinhas, como acrobatas dos céus, felizes, viraram a página da noite aterrorizante, serpenteando performances com rara envergadura.

Não pensar tem seus privilégios: cada dia é um novo show. Pensar, um privilégio humano, traz à memória o passado. Nós nos tornamos uma história: ganhos inesquecíveis, perdas irreparáveis. A história engravida as tempestades mentais. As frustrações escrevem parágrafos; as perdas, capítulos; as mágoas, textos. Tênuas gotas tornam-se torrentes, diminutas poças geram oceanos. Sofremos pelo futuro.

A fazenda Monte Belo tinha tanta terra quanto segredos. Havia 35 casas de colonos na propriedade, mas apenas 32 estavam ocupadas. Quarenta e cinco funcionários trabalhavam ali, dos quais 29 sangravam seringueiras, uma atividade em muitos casos financeira, social e ecologicamente correta. As folhas das árvores desprendiam-se nos invernos e, para refazer os renovos, sequestravam o carbono com que os carros e a indústria poluíam o ar. Bem remunerados, os sangradores trabalhavam à sombra. Feriam delicadamente as árvores, que choravam generosas lágrimas brancas, o látex.

Os demais funcionários cuidavam da plantação de grãos e do gado. A fazenda tinha também reflorestamento, uma bela plantação de mogno africano, cujas árvores nos primeiros anos pareciam altíssimos cotonetes, por crescerem rapidamente sem ramificações, com hastes verdes escuras, devido às suas largas folhas.

Nos tempos antigos e áureos do açúcar e do café, 430 pessoas moravam ali; dois terços eram escravos. Aqueles solos testemunharam alegrias e muitos horrores. Os barões do café colhiam grãos em abundância, mas ideias com escassez. Os donos do engenho espremiam a

cana da qual jorrava o melão de doçura inigualável, mas sua indócil emoção não destilava generosidade. Mentas incautas negavam que a fina camada de cor da pele branca ou negra jamais deveria servir de parâmetro para discriminar seres da mesma espécie...

As lágrimas dos negros eram da mesma cor das dos brancos. Mas ninguém as observava. Seus pensamentos e imagens mentais eram confeccionados pelos mesmos inimagináveis fenômenos. Mas ninguém os avaliava. Onde o lucro cresce, decresce a razão, e a mente embriaga sua lucidez. A escravidão gerava lucros, era conveniente não pensar, sempre fora.

Escravos dilataram os bolsos de poucos senhores. Alguns arrancados dos braços de suas mães, outros capturados em terras longínquas, caçados como animais, vendidos como produtos, tratados como subespécie. A história transmitida nas escolas terá sempre uma dívida impagável com a crua realidade.

A teoria nazista já estava posta em prática séculos antes de Hitler e Goebbels. A diferença entre os escravos de Auschwitz e os escravos africanos era que os primeiros recebiam uma ração aviltante nas fábricas químicas, o suficiente para sobreviverem alguns meses, enquanto os segundos se transformaram no ouro negro das fazendas coloniais.

Riqueza e dor sulcaram os solos da belíssima fazenda. Mas o tempo da escravidão não cessou. No passado, algemava-se o corpo, hoje, algema-se a mente.

De repente, o som estridente deixou eufóricos os animais e os habitantes da magnífica fazenda. Um helicóptero bimotor de doze lugares, valendo nove milhões de dólares, descia no jardim da casa centenária.

Um piloto, um copiloto e alguns seguranças traziam um casal nunca visto naquelas bandas: milionários bem-sucedidos, discretos, bem-vestidos. Desceu uma mulher sofisticada em todos os aspectos, do físico ao mental. Camille, acompanhada por seu marido, o banqueiro Marco Túlio. Eram os novos patrões.

Camille acreditava que num ambiente espaçoso e permeado pela natureza ela poderia ser livre. Sua emoção voltaria a respirar. Os sonhos são generosos; a realidade, nem sempre. Ela guarda suas surpresas.

Capítulo 2

Um amor entre o céu e o inferno

O sofisticado casal estava completando doze anos de relacionamento. Dois de namoro e dez de casados. Forte na razão, frágil na emoção, a esplêndida mulher não confiava em homem algum. Apresentada por amigos a Marco Túlio, ele desbravou vales e montanhas para conquistá-la. Camille foi seu maior troféu; porém, era mais do que uma notória conquista. Ele aprendeu a amá-la. Dizia às amigas dela, em tom descontraído:

– Primeiro amei a inteligência de Camille; depois, a beleza dessa mulher incrível.

Camille era uma pessoa transparente, talvez em excesso. Nenhum de seus relacionamentos durava mais que um semestre. Não suportava mentes vazias, destituídas de sentido, superficiais. Ela eliminava os homens da sua história, mesmo gostando deles.

Rejeitou Marco Túlio durante meses, até que ele, tateando alguns dos seus segredos, começou a encantá-la. Iniciaram a relação, mas não sem percalços. A vida emocional de Camille era flutuante. No primeiro ano de namoro, ora pensava ser ele o homem da sua vida, ora queria desistir de tudo. A insegurança dela o levava às lágrimas. Conquistá-la era uma tarefa hercúlea. Quem chorava na relação era ele, e não ela. Perdê-la estava fora de seus planos.

Quando se conheceram, Camille tinha 26 anos. Era alta, morena, cabelos lisos, rosto bem torneado. De família tradicional, determinada, ousada, impulsiva, gentilíssima em alguns momentos e into-

lerante em outros. Nunca aceitava uma ideia sem antes questioná-la. Fazia doutorado em ciências da comunicação, com ênfase em psicanálise.

Marco Túlio, 33 anos, era magro e tinha 1,80m, cabelos louros e esparsas sardas no rosto. Era sensível, tímido, de família humilde, tinha cultura mediana, modos rústicos, mas possuía um dom inigualável para os negócios. Camille lapidou o mármore, educou a emoção do inseguro Marco Túlio. Aluno disciplinado mas introvertido, ele aprendeu com Camille a arte da ousadia. Tornou-se mestre em correr riscos. Foi escolhido para trabalhar na bolsa de valores. Vendia ideias. Logo que se casou, tornou-se acionista minoritário de um banco de investimentos. Perspicaz, com foco nos clientes, ocupou espaço no banco, construiu oportunidades.

Ficou rico nos tempos de bonança bancária, e mais rico ainda nos tempos de crise. A maldita crise foi para ele uma bênção. Tornou-se acionista majoritário do seu banco. Mas, apesar de suas inegáveis habilidades, provavelmente teria um futuro empresarial medíocre sem Camille. Ele sempre reconheceu isso, dizendo que “ao lado de um grande homem há sempre uma mulher espetacular”. “Não sou um grande homem, mas tenho uma grande mulher”, ele dizia.

No começo da relação, raramente se via um casal tão apaixonado. Esse oásis perdurou por cinco anos.

– Camille, você me enlouquece! – ele expressava em tom alto, rompendo sua timidez, para todos os seus amigos ouvirem. Era o tipo de homem que fazia as mulheres suspirarem.

– Você perturba a minha história, mas dá sentido a ela. Eu te amo como jamais pensei que pudesse amar alguém – ela dizia, emocionada. E, apaixonada, rompia o cárcere do seu intelectualismo e ia mais longe. Com suas mãos pegava delicadamente as mãos dele e com sua linda voz cantava a música de Tom Jobim e Vinicius que se tornara tema da sua vida: *Eu sei que vou te amar*.

Marco Túlio ia às nuvens quando ela cantava essa música. Mas os anos se passaram e a relação, que era regada a afeto, cumplicidade e companheirismo, foi sendo pouco a pouco substituída por atritos, disputas, cobranças. Havia muitos motivos para a contração do amor desse admirável casal, e não envolviam apenas a personalidade dela. O romântico Marco Túlio descobriu que é mais fácil lidar com o fracasso do que com o sucesso.

– Você é um homem rico, mas o dinheiro o empobreceu. Tem tempo para a empresa, mas não para mim, e muito menos para você mesmo, o que é pior – afirmava Camille.

Marco Túlio ficava desconcertado. Sabia que ela estava com a razão. Infelizmente, tinha dificuldade de admitir, e mais dificuldade ainda de mudar.

– Você tinha uma autoestima tão sólida. Agora é uma especialista em me cobrar...

– Uma dívida injusta jamais deve ser cobrada, mas uma dívida justa deve ser saldada. Como perdoá-lo, se você se tornou uma máquina de trabalhar? Se não lhe cobro, sou conivente – declarava ela.

Não se entendiam. Viviam uma perigosa guerra de pontos de vista. Vencer a batalha individual era mais importante do que resolver o conflito conjugal. Ele sempre tentava mostrar que ela é quem mudara, que se afastara dele, que não lhe dava mais afeto, era fria, distante, imersa em seus próprios conflitos. Marco Túlio tinha fortes argumentos para defender suas teses. Até que um dia foi longe demais.

– Você não é mais a mesma, Camille! A mulher que eu amei vive em outro universo. Desculpe, mas não tenho prazer de chegar em casa e ver você sempre triste, abatida, infeliz, deprimida. Se não está sentada nessa maldita varanda com o olhar fixo, está isolada no quarto com seus livros.

Ela respirou profundamente, chocada. Mas não recuava nunca.

– Viva dentro de mim e entrará em pânico ao conhecer meus fantasmas. Se me isolo nessa varanda é porque tento afugentá-los; se leio livros, é porque me conecto comigo mesma através deles. Os livros me convidam à serenidade, a solidão me convida à loucura.

Marco Túlio ficou sensibilizado com suas palavras e ficou com os olhos cheios de lágrimas. Mas também não conseguia recuar.

– Então, por que exige de mim o que você não pode dar? Você me cobra atenção, uma atenção que não me dá. Você exige sorriso, um sorriso que não tem. – E, soltando um gemido quase que inexprimível, sentenciou: – As empregadas vivem tensas. Eu vivo tenso. Os médicos que a assistem também vivem tensos. Nenhum profissional é inteligente o suficiente para ajudar você. Esta casa se tornou uma prisão! Uma fábrica de loucura!

Camille não podia acreditar no que ouvia. Embora dissesse a verdade, Marco Túlio nunca fora tão cortante. Abalada, baixou seu tom de voz.

– Lembro-me de que, quando você era um homem simples e inseguro, mal sabia expor suas ideias. Lembro-me que treinei sua oratória e o incentivava a se libertar da timidez e a não depender da opinião dos outros.

– Nunca neguei isso – afirmou Marco Túlio.

– E fiz essas coisas com prazer. Ficava feliz com a sua evolução. Deleitei-me com seu sucesso. O tímido se tornou ferino. Hoje você é um mestre em correr riscos, inclusive o risco de me perder.

Refletindo mais intensamente, ele tentou recuar.

– Bobagem, Camille. Você está no centro da minha história, e não no rodapé.

– Suas palavras traem suas ações, Marco Túlio. Hoje você é um peirito em ganhar dinheiro, mas está perdendo a sua essência.

Ele respirou profundamente. Sabia que Camille tinha razão. Ambos eram culpados, ambos eram vítimas.

Marco Túlio fazia muitas reuniões com seus diretores nos finais de semana no seu palacete na cidade. Todos sabiam que Camille era imprevisível. Ora poderia tratá-los muito bem, ora poderia ser indiferente, ou ainda golpeá-los com palavras desagradáveis. Certa vez, num momento decisivo de uma transação no banco, ela entrou na sala de reuniões onde estavam Marco Túlio e sete diretores do banco, e tumultuou a reunião:

- Não consigo entender essa paixão extrema por dinheiro.
- Camille, por favor – pediu Marco Túlio.
- Só quero que me expliquem que adrenalina é essa que o dinheiro provoca, e eu me calarei.

Os diretores se entreolharam e ficaram em silêncio. Segundos depois, Rodolfo, o mais ousado, expressou:

- Trabalhamos para dar conforto a nossas famílias.

A resposta provocou a concordância de todos. Mas não a de Camille.

– Ótimo! Rodolfo, você tem três filhos. Ferdinando, você tem um casal. Gilberto, você tem duas meninas. Todos têm lindas famílias. Se trabalham para elas, que assunto familiar discutiram aqui? Tenham a santa paciência, vocês são riquíssimos. Ganhar dinheiro vicia.

– Mas é um vício que contribui para os outros – interveio Marco Túlio. – Quanto mais ganho, mais aplico; quanto mais aplico, mais produzo empregos. A roda do dinheiro é a roda da vida no capitalismo.

- Mas e quando essa roda atropela as relações mais importantes?

Naquele grupo, quatro homens já eram divorciados. Desses, dois estavam em vias de se separar novamente, e os outros dois não sabiam negociar afetos e trocas com suas parceiras. Do time dos não separados, um estava impotente devido ao estresse, um vivia muito bem e o terceiro fazia da relação uma praça de guerra.

Mais tarde, Marco Túlio aproveitou para tocar num tema que o angustiava.

- Nosso casamento está morrendo porque não temos filhos.

Marco Túlio sonhava em ter filhos, mas Camille tinha dificuldade de engravidar. Sua maior barreira era emocional. Também os queria muito, mas tinha medo de colocá-los no mundo e de que sofressem como ela.

– Filhos, será essa a nossa solução? A solução está em nos repensarmos.

Em seguida, ela desviou do assunto e tocou numa antiga ferida.

– Você já me traiu uma vez. Dilacerou minha alma, mas eu o perdoei. Sei que não sou uma pessoa fácil, mas, se não quiser conviver comigo, você é um homem livre.

Ele suspirou. A discussão estava indo longe demais. Recuou.

– Nossa relação está desgastada. Mas eu te amo como nunca amei ninguém... Mas você também é uma mulher livre.

E foi para o escritório esfriar a cabeça. Ele precisava comprar tempo, mas no mercado da existência o tempo não estava à venda. Não tinham tempo quantitativo, mas poderiam transformar o tempo qualitativo num vinho encorpado de rara textura.

Camille tinha seus motivos para reclamar da ausência do marido, mas, sempre crítica e obsessiva, deixara de ser uma companhia agradável. Nem ela se suportava em alguns momentos. Seus rituais obsessivo-compulsivos, que eram brandos no início do casamento, começaram a piorar ao longo dos anos. Ela tentava escondê-los dos seus colegas professores, dos alunos, dos empregados da casa, mas eles iam se tornando cada vez mais visíveis.

Camille era professora e, vez por outra, interrompia a aula subitamente quando sua mente era assaltada pela imagem de um acidente. Ficava um minuto em silêncio para tentar sair dos escombros. Era visível a sua crise de ansiedade. Alguns alunos sorriam sarcasticamente, mas disfarçavam seu deboche porque Camille era uma fera intelectual. Passar na matéria dela não era fácil. Outros queriam entrar na cabeça da professora para descobrir os segredos que ela escondia.

Quando encontrava um viaduto, tinha que passar por ele três vezes para seguir em frente e ir para casa. O trânsito de São Paulo, que já era horrível, se tornava um inferno para ela, e por isso passou a usar o serviço de motoristas.

Sua mente era um trevo de imagens que conspiravam contra a sua tranquilidade. Imaginava também que estava sendo infectada por um vírus, sofrendo um infarto, perdendo Marco Túlio. Às vezes demorava cinco minutos para girar a maçaneta da porta. Primeiro procurava dissipar as imagens aterradoras, para depois abrir a porta. As empregadas ficavam condoídas pelo comportamento bizarro da patroa. Amavam-na por sua afetividade e temiam-na pelas suas censuras.

O ser humano vibrante tornou-se depressivo. A mulher que levara seu homem a ser um desbravador recolheu-se dentro de si mesma. A autoestima deu espaço à autopunição. Seu baixo limiar para frustrações diminuiu mais ainda. Pequenas contrariedades geravam grandes impactos.

Sua emoção flutuava entre o céu e o inferno. Quando calma, era encantadora, atenciosa com garçons, porteiros e idosos. Era capaz de sentar-se na calçada e conversar com mendigos completamente desconhecidos. A obsessão por contaminação a perturbava, mas naquele tempo ainda não chegara a ponto de asfixiar seu altruísmo. Sua generosidade e seu desprendimento deixavam espantados o marido, os amigos e seguranças.

– Você coloca em risco a sua vida, Camille – dizia Marco Túlio.

Ela dava de ombros e retrucava:

– A vida é um contrato de risco.

Ele não tinha gosto pela leitura, interessava-se apenas por notícias sobre o mercado financeiro. Ela era uma leitora voraz. Lia dois a três livros de uma vez. Em média, setenta livros por ano. Lia Platão, Aristóteles, Agostinho, Maquiavel, Kant, Voltaire, Schopenhauer, Hegel, Nietzsche, Albert Camus, Sartre, Freud, Vygotsky, Saussure e muitos outros pensadores. Gostava de livros densos.

Ninguém a vencia em discussões, nem os amigos nem os colegas mais perspicazes da universidade onde lecionava, muito menos os psiquiatras e psicólogos que dela tratavam. Deixava todos perplexos com suas críticas ácidas. Camille era uma daquelas raras mulheres geniais que por onde andam viram o ambiente de pernas para o ar. Não passava incólume: ou a amavam ou a odiavam.

Marco Túlio se perdia quando discutia com ela. Apelava.

– Todos esses livros fazem você delirar...

– Convença-me Marco Túlio, e eu me curvarei à sua inteligência. Mas usar chavões para encerrar a discussão é um convite à estupidez.

Ele saía indignado, meneando a cabeça, não tinha respostas para confrontá-la.

O pai de Camille, Dr. Mario Lacosta, que fora presidente da Associação Nacional de Neurocirurgiões, era um médico afetuoso, bem-sucedido, respeitado, abastado. A mãe de Camille morrera quando ela ainda era menina. Seu pai casou-se de novo. Acontecimentos marcantes fizeram com que a relação entre pai e filha se tornasse um instrumento que jamais se afinou: fria e conflitante.

Ela tentava negar que seu pai fora seu maior amigo na infância. Ninguém a amara e a decepcionara como ele. Em ninguém tinha confiado tanto, e ninguém a traíra tantas vezes. As decepções de uma criança percorrem as artérias do adulto. Ele tentara se aproximar muitas vezes, mas, resistente, ela não lhe dava espaço.

– Meu pai quer se aproximar da esposa de um banqueiro, e não de sua filha – falava ela, magoadíssima. No fundo, sabia que exagerava nas palavras. Marco Túlio intervinha em favor dele.

– Camille, seja mais generosa. Seu pai é um bom homem! E, por mais defeitos que tenha, ele a ama.

– Você sabe as marcas que ele deixou em mim?

– Que marcas? Como vou saber? Você nunca se abre.

Ela fez uma breve pausa.

– Esqueça!

Não estendia a conversa. Mentes fragmentadas, emoções fraturadas, mágoas submersas jamais resolvidas. Marco Túlio conhecia a sala de estar da personalidade da sua esposa, mas não seus aposentos mais íntimos.

Camille, além de ser professora universitária e coordenadora do curso de comunicação da sua faculdade, era uma profícua escritora. Construía personagens complexos. Era uma romancista cuja vida se tornara um drama. Escrevera três obras, duas premiadas. Críticas literárias elogiosas eram insuficientes para despertar o ânimo e a inspiração de uma mulher que vivia travando batalhas na própria mente. A dor branda incendeia a criatividade, a dor intensa torna a mente estéril, como era o caso de Camille nos últimos anos. Segredos soterrados em sua história sabotavam sua fertilidade intelectual e sua saúde emocional.

Sete anos depois de se casar, deixou o palco da universidade para se dedicar ao palco da leitura e da literatura. Era rica, podia se dar esse luxo. Acreditava que finalmente teria tempo e liberdade para escrever. Teve tempo, mas a liberdade não veio. Sua mente continuava infértil. Marco Túlio se distraía com seus clientes, ela se perturbava com seus fantasmas. Diariamente imaginava-se infectando-se, infartando, acidentando-se.

Nos últimos dois anos e meio vivia tão transtornada que não saía mais de casa. Desenvolveu uma grave fobia social. Ficava horas a fio sentada nos jardins do seu palacete, assaltada por pensamentos controladores. Tinha um comportamento que lembrava um paciente autista. Não conseguia chorar, embora tivesse muitos motivos para derramar lágrimas. Não conseguia estabelecer grandes diálogos, embora tivesse competência para construí-los. Cabeleireiros, costureiros, pedicures, vendedoras de roupas a atendiam em casa. Até clínicos gerais vinham à sua residência. Só saía, e com sacrifício, quando ia

a psiquiatras ou psicólogos, e nunca sozinha. Olhando fixamente para o vazio, não poucas vezes concluía para si mesma:

– Procuro descansar, mas não relaxo. Sou convidada para festas, mas não tenho vontade de sair. Tenho espaço para correr, mas não sou livre. Por quê? Por que, meu Deus?

A escritora conhecia os personagens das suas histórias, mas desconhecia o mais complexo dos personagens – ela mesma. Seu marido procurava animá-la. Programava viagens, comprava passagens para cruzeiros marítimos, mas nada a tirava do seu oceano. Suas amigas suplicavam para que ela saísse do seu claustro, mas, atada por algemas invisíveis, ela não conseguia.

A fazenda Monte Belo conhecia algumas noites de chuvas torrenciais, Camille conhecia meses, anos... A fascinante mulher era abatida por tempestades mentais. Mas, o que era pior: ao contrário dos animais da fazenda, não tinha onde se abrigar.

Capítulo 3

Debatendo com psiquiatras

Camille disparava suas críticas contra todos, em especial contra os profissionais da saúde mental. Era tão crítica que considerava seus psiquiatras fechados em seus pequenos mundos teóricos. Criticava os que encaravam o cérebro humano apenas numa perspectiva biológica, cartesiana, lógica. Para ela, supervalorizar os problemas metabólicos, como os déficits de serotonina e outros metabólitos na gênese das doenças, e minimizar a história da formação da personalidade, bem como o movimento e o conteúdo dos pensamentos nesse processo, era uma visão parcial. Considerava que enfatizar a perspectiva biológica sem valorizar a perspectiva existencial era reduzir a complexidade da mente humana. Era negar as ideias dos grandes pensadores da história, em especial da filosofia.

Certa vez, disse para um psiquiatra:

– Meu intelecto é mais do que um mero computador biológico, doutor. – E completou: – Os computadores sempre serão escravos de estímulos programados. A mente humana ultrapassa esses limites. Até as características doentias da nossa personalidade gritam que somos muito mais que um computador cerebral.

– Como assim? – perguntou, atônito, o profissional.

Discutir essas ideias era uma atitude incomum, ainda mais com uma paciente. Mas tudo em Camille escapava ao trivial. Ela transformava os consultórios em palco de debates. Ela completou:

– A insegurança, as fobias, o ciúme, a inveja e a raiva jamais serão

experimentados pela inteligência artificial, ainda que os super-robôs possam simulá-las.

O psiquiatra parou, pensou e afirmou inteligentemente:

– Você tem razão. Os fenômenos psíquicos ultrapassam os limites da lógica da programação.

Camille concluiu:

– As mazelas emocionais, ainda que angustiantes, são testemunhos solenes de nossa inimitável complexidade, e não de nossa pequenez intelectual. Não me vejo de outro modo.

Psiquiatras e neurologistas mais abertos viajavam nas reflexões de Camille, que parecia embriagada pelo seu extraordinário conhecimento. Embora fosse uma paciente, não se comportava como tal. Não se sabia se ela questionava seus terapeutas por considerar importante para seu tratamento que eles abrissem o leque de sua mente, ou porque quisesse simplesmente desafiá-los, ou, ainda, porque desejasse se esconder atrás de sua notável cultura. O fato é que sua personalidade era surpreendente e perturbava quem cruzava com ela. Era uma grande especialista em estressar seus psiquiatras. Quando não sabiam o que responder ou perdiam o ponto de equilíbrio, ela os cortava da sua história.

Em outra ocasião, após ela bombardear um outro profissional com suas penetrantes perguntas, ele reagiu asperamente:

– Você não tem o mínimo autocontrole.

E, quando isso aconteceu, ela disparou críticas desconcertantes.

– Não tenho autocontrole? Até os leigos que convivem comigo sabem disso. Mas apontar minhas mazelas sem esquadrihá-las não me sacia. Tenho sede de saber como funciona minha mente doente. Como se formam meus pensamentos asfixiantes e por que me controlam? Vamos doutor, me responda.

Ele emudeceu. Ela continuou:

– Que vínculos tais pensamentos têm com meu estado depressivo? Quais são os fundamentos do meu cárcere emocional: sou vítima de

um erro metabólico nas sinapses nervosas ou da energia metafísica de imagens mentais aterradoras? Os erros metabólicos geram meus pensamentos perturbadores ou são meus pensamentos perturbadores que geram os déficits metabólicos? Eu aceito sua medicação, mas me dê explicações lúcidas, e não vazias.

O psiquiatra não sabia o que responder. Atônito, nunca tinha feito essas perguntas para si mesmo. E nem imaginava que ela estudava o cérebro. Mas não se rendeu. Tentando transformá-la numa paciente tratável, afirmou:

– Você é resistente e rebelde demais! Pergunta demais! Questiona demais!

Ele deu a deixa para Camille colocá-lo contra a parede.

– Conhece a tese de Descartes, “Penso, logo existo”?

– Sim, claro.

– Concorda com ele, doutor?

– Sim – respondeu ele titubeando, temendo que Camille o pegasse em suas próprias palavras.

– Pois a tese de René Descartes está incompleta. Deveria ser: “Pergunto, logo penso. Penso, logo existo.”

O psiquiatra franziu a testa admirado e, ao mesmo tempo, perturbado. Pela primeira vez uma paciente deu-lhe um golpe fatal que mudou sua maneira de pensar, mas não reconheceu a inteligência dela nem lhe pediu desculpas. E isso fez com que mais uma vez ela entrasse em cena:

– Se deixar de perguntar, estou morta como ser pensante. E, desculpe-me, doutor, se aqui não é ambiente para perguntar e questionar, não é o lugar para me tratar. – E saiu no meio da consulta, para nunca mais voltar.

Se Camille desse uma outra oportunidade ao psiquiatra, talvez ele pudesse repensar e contribuir com ela. Mas ela era assim, inteligente, infeliz, cortante.

Quando saía frustrada dos consultórios, tinha tendência de se punir, de condenar a própria miserabilidade. E, para sobreviver, cantava a música-tema da sua relação com Marco Túlio, agora como tema da sua própria vida. Mudava a letra e a cantava angustiadamente só para ela ouvir: *eu sei que vou **me** amar, por toda a minha vida eu vou **me** amar, a cada despedida vou **me** amar, desesperadamente eu sei que vou **me** amar...*

Camille precisava se amar, mas estava esgotando suas habilidades para desenvolver sua saúde emocional. Na maioria dos tratamentos ela se frustrava na primeira consulta ou sessão de psicoterapia. Era comum que perguntasse logo após conhecer o profissional de psiquiatria e psicologia:

– Conhece Kierkegaard, Sartre e Camus?

Mas eles desconheciam os pensadores existencialistas, o que a decepcionava muitíssimo.

– E Hume, Kant, Husserl, Hegel?

A grande maioria não os conhecia, pelo menos não muito. Frustrada, discorria então sobre os linguistas:

– E Bertrand Russel, Ludwig Wittgenstein, Lev Vygotsky, Noam Chomsky, o que sabe sobre eles?

Mas raramente alguém tinha lido algo sobre eles.

– E o que eu tenho a ver com esses caras? – disse certa vez um psiquiatra irritado. Ele era um bom profissional para tratar de pacientes previsíveis, mas não de uma personalidade completamente imprevisível.

Camille não se intimidava. Mais irritada do que ele, afirmou:

– Esses caras, doutor, foram os primeiros “loucos” que romperam o cárcere da rotina e se aventuraram a desbravar o psiquismo humano. Como quer conhecer minha mente se não conhece minimamente a mente dos grandes pensadores da história? É uma incoerência.

– E mais uma vez saiu antes de terminar a consulta, encerrando o tratamento.

Alguns psiquiatras ficavam boquiabertos quando Camille lhes explicava sinteticamente as ideias centrais desses personagens. Mas, acuados, alguns declaravam que ela citava esses intelectuais para esquivar-se dos seus próprios traumas. Outros defendiam que ela os citava porque estava iniciando um processo delirante, construindo ideias de grandeza e um raciocínio numa perspectiva irreal. Havia alguns que admiravam o intelecto daquela mulher difícil de ser explorada e difícil de ser tratada. Mas mesmo esses não conseguiam criar vínculos com ela.

Era dona de um discurso intelectual raro. Ao defender sua tese de doutorado, deixou a banca examinadora em estado de êxtase. Seu pós-doutorado também foi espetacular. Mas o tempo passou e a intelectual foi adoecendo cada vez mais. Ninguém a entendia, e ela não entendia ninguém. Vivia profundamente só em meio à multidão. A solidão dominava sua mente.

Mas nem só de conflitos se constituía sua personalidade. De vez em quando ainda era capaz de mostrar um altruísmo ímpar, um raro prazer em se doar e se preocupar com a dor do outro. Críticas ácidas e generosidade aguda habitavam a mesma alma. Viver com uma pessoa com humor flutuante dificulta a organização das defesas. Nunca se sabe onde pisar. Conviver com ela era um convite à loucura, diziam alguns amigos.

Frequentara nove profissionais de saúde mental nos últimos anos, dos quais seis psiquiatras e três psicólogos. Todos diziam a uma só voz, e com razão, mesmo os que nutriam respeito por sua inteligência:

– Você não cria pontes consigo mesma, por isso não cria pontes com os outros.

Confrontando-os, ela retrucava:

– E como faço conexão comigo mesma? Que instrumentos devo usar? É fácil afirmar que vivo numa masmorra sem indicar quais são as ferramentas para abri-la.

– Você deve encontrá-las.

– Se eu é que devo descobrir as ferramentas que preciso usar e os caminhos para encontrá-las, então devemos trocar de lugar.

Raramente alguém escapava das suas armadilhas. Sempre que suspeitava que os psiquiatras lhe davam respostas fechadas, ela partia para o ataque. Estava se debatendo cada vez mais, fazendo ruir a estrutura da sua personalidade.



Certa vez travou um embate com um famoso psiquiatra, Dr. Claus Rummy. Nesse dia, algo incomum aconteceu: a gladiadora finalmente desabou. Como os outros profissionais, o Dr. Claus usou o mesmo método para tirá-la do pedestal: diminuir a importância da sua cultura e de suas capacidade intelectual e enfatizar as bases da sua doença. Mas ela não funcionava assim. Depois das investidas de Camille, buscando domar sua impetuosidade, ele afirmou categoricamente:

– Você é ignorante quanto ao conhecimento sobre o seu psiquismo. Precisa crescer e assumir suas limitações e sua doença, pois sua imaturidade é evidente.

Dr. Claus pisou em campo minado. Desconhecia que Camille era culta em áreas nas quais ele se achava um especialista.

– Doutor, é tão evidente assim a minha ignorância sobre minha psique e sobre a minha doença? Então me responda: quais os limites entre a doença e a saúde mental? Algumas características culturais ou pessoais bizarras podem não indicar uma doença mental. Será que a psiquiatria não erra ao não estabelecer claramente esses limites?

– É possível... – falou ele, pensativo. Porém, quanto a Camille, o médico não tinha dúvida. – Mas você está claramente doente.

– Estou? – indagou ela irritada. – Se sou uma doente mental, diga-me: o pensamento incorpora a realidade do objeto pensado?

– Como assim? – ele perguntou, sem entender a dimensão filosófica do questionamento dela.

– Não está clara a minha pergunta? Vou explicá-la. Tudo o que você pensa sobre a minha personalidade incorpora minha realidade mental ou é um discurso que acusa e conceitua o que sou, mas não incorpora a realidade do que realmente sou?

Camille ponderou sobre um dos mais complexos fenômenos da relação médico-paciente. Dependendo da resposta do Dr. Claus, ela o pegaria em sua própria armadilha. Ele se calou. Ela acrescentou:

– O pensamento dos mais renomados psiquiatras, e talvez você seja um deles, é virtual ou real? Incorpora a essência dos conflitos dos pacientes ou é virtual e teórico sobre eles?

O Dr. Claus tinha uma mente brilhante. Fora muito bem-sucedido no tratamento de muitos pacientes, mas nunca tivera a oportunidade de estudar a natureza do pensamento, seus limites e sua validade. Ficou mais convicto ainda de que Camille iria colocá-lo contra a parede.

– Bom, depende... Mas o que tem esse fato a ver com a sua doença?

– Tudo. O que você pensa sobre mim é um discurso seu, uma interpretação sua dentro dos limites da sua teoria e da sua mente ou é uma verdade absoluta e concreta sobre minha dor, minhas fobias, meu humor depressivo?

– É uma interpretação do que você é.

– Se é uma interpretação do que eu sou, e não a realidade do que realmente sou, então por que você usa suas palavras como se elas tivessem as cores e o sabor de uma verdade irrefutável?

– Não uso! – discordou ele.

– Não? Há um minuto você me disse que sou claramente uma doente mental. Será que não está usando seu diagnóstico para se proteger do desconhecimento sobre o meu caso?

O psiquiatra bateu na mesa de maneira contida, mas tensa.

– Você está me afrontando!

– Talvez, mas, como você é pago para me ouvir, me ouça. Se o diag-

nóstico psiquiátrico for mal usado, ele pode servir como instrumento de controle, e não de orientação. Pode nos marcar para sempre.

– Isso é falácia!

– Falácia? Nossa relação é tremendamente desigual, doutor. Você é o saudável, e eu sou a doente. Você é o psiquiatra, e eu sou a paciente. Suas palavras têm um poder incomensurável. Podem me libertar ou me encarcerar. Você não acha que deveria usar suas interpretações e seu diagnóstico dentro do regime da democracia das ideias: “eu penso, eu acho, eu creio”?

O Dr. Claus nunca ouvira falar sobre a democracia das ideias. Desprotegido emocionalmente, não se dobrou diante da inteligência de Camille. Aplaudi-la seria o começo de uma história entre eles. Mas, sentindo-se invadido, deixou escapar a oportunidade.

De repente Camille desviou seu olhar do psiquiatra. Olhou para o alto fixamente, como se ele não estivesse presente. Colocou as mãos na cabeça como se estivesse querendo esmagar os pensamentos perturbadores que assaltavam sua mente. Imaginou mais uma vez seu carro acidentado na marginal do rio Tietê. Viu seu corpo todo ensanguentado. Era difícil sair dos escombros. Era uma mulher sofrida. As ideias fixas de conteúdo negativo faziam parte do seu roteiro diário. Observando seu gesto bizarro, o psiquiatra foi implacável.

– Sinceramente, Camille, você se esquivava do seu próprio problema, não tem foco. Tangencia seus conflitos. Não entende nada de psiquiatria e se atreve a entrar em assuntos que não domina...

Sem perceber, ele a retirou do foco de tensão. Ela rapidamente saiu dos escombros das suas imagens e reassumiu o controle mental. Em seguida, desferiu perguntas surpreendentes.

– Não entendo nada de psiquiatria? Talvez não como o senhor, mas não sou ignorante. Qual é o nascedouro da psiquiatria? Como ela surgiu? Quem foram seus pais ou seus pensadores pioneiros, e o que pensavam?

Ele se recusou a responder, não queria entrar no jogo dela. Camille se adiantou e mencionou os anos dourados do nascimento da psiquiatria como ciência e seus precursores, como o Dr. Charcot, Bleuler e outros. Depois, retornou no tempo para mais de dois mil anos e citou algumas teses do juramento de Hipócrates, o pai da medicina. O Dr. Claus se perguntava: “Que mulher é essa que detém esse conhecimento?”

Ele estava perplexo. Mas, apesar disso, continuava achando que era tudo um jogo dela, um jogo doentio do qual ele insistia em não participar, embora não tivesse êxito. Emudeceu. Não percebeu que Camille não estava jogando, estava afundando...

Amigas e conhecidos tiveram sucesso no tratamento com os mais diversos psiquiatras. Ela, não. E ficava angustiada ao ouvir a superação dos problemas dos outros. Ela queria se desarmar, mas não confiava em ninguém, nem em si mesma. Incomodada pelo silêncio absoluto do psiquiatra, reagiu como lâmina afiadíssima.

– Por que se recusa a debater comigo, Dr. Claus? A psiquiatria é uma ciência nova se comparada à matemática, à física, à química e mesmo à filosofia. Se a psiquiatria é nobre, mas tão nova, uma ciência em construção, por que o senhor se apropria dela como um deus cujas verdades são inquestionáveis?

Ela o fisgou nas raízes da sua alma. Ele não se conteve. Rompeu o silêncio e protestou.

– Não sou deus! Nem tenho verdades inquestionáveis! Você tem uma necessidade neurótica de perguntar.

Ela ficou indignada.

– Tenho? O que acha dessa tese “Pergunto, logo penso! Penso, logo existo!”?

– É o pensamento de Descartes.

– Não, é o meu pensamento completando a tese de Descartes. Não o entendo. Você reage como um deus, sem me dar o direito de ques-

tioná-lo, mas fala como humano, assumindo suas limitações. A quem devo me dirigir?

Ele contraiu a face e pôs as mãos na cabeça, tenso.

– Você tem uma necessidade neurótica de estar sempre certa. Se não se reciclar, estará condenada a arrastar sua doença por toda a sua história. Parece que tem apreço pela dor.

Dessa vez foi ela que protestou, e o fez com maestria.

– Eu sou masoquista? Quero me autodestruir? Já sentiu sua emoção ser asfixiada pela ansiedade? A dor indecifrável da depressão já invadiu os recônditos da sua mente e sequestrou seu ânimo? E as fobias assombraram sua tranquilidade ao sol do meio-dia? Quem quer sofrer, doutor? Eu protesto! Tanto os sábios quanto os loucos querem cortar as raízes da dor da sua alma!

Depois de uma pausa, ainda concluiu, angustiada:

– Não poucas vezes eu tento acalmar minha emoção cantando “eu sei que vou me amar, a cada decepção eu vou me amar, desesperadamente vou me amar”, mas estou perdendo as forças...

Expressou de forma quase inaudível as últimas palavras. Era um momento ímpar, uma chance para o Dr. Claus criar pontes com Camille, pois ela abria uma janela de oportunidade e estava parcialmente desarmada. Mas ele não havia decifrado os códigos do comportamento dela.

– Nada a convence. Nunca vi uma paciente bombardear um psiquiatra. Estou estarecido. Desconfio que você queira tomar o meu lugar.

Ela reagiu pessimamente a essas palavras, o que provocou um corte fundo na relação.

– Tomar o seu lugar...? Será que eu quero tomar o seu lugar ou você é que não se sente digno dele!?

O Dr. Claus fervilhou de raiva com essas palavras. Comprou novamente o que não lhe pertencia. O ambiente psicoterapêutico, que deveria ser um espaço de cooperação, onde terapeuta e paciente cons-

trúissem juntos o conhecimento, tornara-se um caldeirão de disputas. E em disputas ninguém era capaz de vencer Camille. Seu raciocínio tinha um envolvimento e uma complexidade inigualáveis, era difícil não se enredar nas suas tramas. Era uma especialista em tirar as pessoas do seu ponto de equilíbrio, mesmo pessoas ponderadas. Mas não o fazia por prazer, tentava apenas sobreviver.

– Você é petulante, intratável, arrogante. Não há clima para continuar o tratamento. – Ele ameaçou levantar-se. Mas ela o trouxe de volta para a arena, sem saber que dessa vez seria nocauteada.

– O que você queria? Uma paciente submissa, que o reverenciasse em tudo? Convença-me, doutor, que eu me submeterei às suas ideias. Explique-me os fundamentos do seu raciocínio e eu me curvarei à sua inteligência. – Camille falou honesta e ansiosamente, como sempre fazia com Marco Túlio quando ele lhe dava um golpe baixo.

– Olha, moça, a explicação é que o mundo gira em torno das suas verdades. Você se sente perseguida por todos, inclusive pelos psiquiatras. A explicação é que você tem uma psicose paranoica.

Camille assombrou-se. Ele continuou:

– Se você não se tratar, seu transtorno mental vai progredir a tal ponto que não conseguirá conviver com mais ninguém...

O mundo desabou sobre Camille. Nunca um psiquiatra a diagnosticara como portadora de uma psicose. Havia uma grande diferença entre sentir-se perseguida, ser paranoica e não confiar em ninguém. Como muitas pessoas, Camille tinha medo de enlouquecer e algumas vezes achava que seu raciocínio estava se desorganizando. No fundo, sua mente era brilhante, mas não livre. Não conseguia gerenciar os próprios pensamentos.

Dr. Claus foi ainda mais contundente:

– Se não se tratar, colocará em risco a sua vida e a dos outros... Você conhece a história de Camille Claudel?

Camille ficou em silêncio. Sabia que Camille Claudel tinha sido

uma célebre escultora francesa, amante de Rodin – o mestre da escultura, autor de obras magistrais, como *O Pensador*. Camille Claudel passara o final da vida internada num asilo para doentes mentais, em condições inumanas. Ela se sentiu traída pelo irmão, Paul Claudel, e pelo pai. A esposa de Marco Túlio tinha medo de repetir a trajetória da escultora. Imagens de seu marido ou seu pai internando-a passavam pela sua mente, deprimindo-a. Naquele momento, as imagens ocuparam seus pensamentos, fazendo-a abaixar a cabeça para tentar dissipá-los. Tinha medo de ser abandonada.

– Dizer que terei o mesmo destino de Camille Claudel me mata por dentro. Depressão bipolar, transtorno obsessivo-compulsivo, síndrome do pânico, depressão distímica... O senhor já me deu quatro diagnósticos nesses três meses de tratamento. Agora está me dizendo que sou louca?

O Dr. Claus era o psiquiatra que a tratara por mais tempo nos últimos anos.

– Você tem uma coleção de doenças, mas eu não disse que é louca. Loucura é um rótulo maléfico.

– E ter um diagnóstico de psicótica não é um rótulo maléfico? E dizer que posso colocar em risco a vida dos outros não é marcar com ferro e fogo minha biografia?

Camille se digladiava com as pessoas, mas era incapaz de matar uma mosca. O diagnóstico que serviria para orientar seu tratamento a encarcerou. Caiu-lhe como uma bomba. Faltavam cinco minutos para encerrar a sessão, mas ela não esperou. Levantou-se e saiu desorientada. O médico assistiu impassível a sua saída, sem se despedir. Camille não sabia onde pisava, nem por onde andava. Estava inconsolada. Não quis retornar para casa com o motorista. Não queria que ele visse seu desespero. Precisava ansiosamente respirar, mas o mundo parecia-lhe um cubículo sem ar. Tentou cantar a música-tema da sua vida, mas a melodia não exerceu qualquer efeito sobre ela.

A mulher não cedia às lágrimas e saiu pelas ruas transtornada. O motorista rapidamente telefonou para Marco Túlio.

– A Dra. Camille não quis entrar no carro.

– Mas como? Por que o senhor não insistiu para que ela entrasse? – disse Marco Túlio ansioso.

– Seu Marco, quem consegue fazer a dona Camille mudar de opinião? Ninguém, ele sabia. O motorista acrescentou:

– Deu dó. Ela estava chorando.

– Estava chorando, seu Dionízio? Mas ela nunca chora.

– Mas dessa vez ela sentou na mureta de um jardim e chorou, e muito. Eu vi de longe. E chorou na frente das pessoas. Agora não sei para onde ela foi.

– Como isso é possível? O que aconteceu? – indagou o banqueiro, preocupado.

– Não sei. Ela está muito mal...

Marco Túlio não se despediu do motorista e sequer desligou o telefone. Saiu desesperadamente para procurá-la. Já era início da noite. Procurou-a pelas ruas e avenidas com vários seguranças. Acionou a polícia. Muitas pessoas envolveram-se na busca. Depois de duas horas, encontrou-a na avenida principal que levava à sua casa. Quando a viu, estacionou o carro e correu ao seu encontro. Ela estava tão abalada que não teve forças para correr e se entregou ao seu abraço. O marido ficou abismado ao ver seus olhos úmidos e inchados.

– É melhor você desistir de mim.

– Calma, meu amor. Jamais vou desistir de você.

– Não me interne. Deixe-me, mas não me interne! Prometa! – suplicou, abalada.

– Prometo! Mas o que está acontecendo?

Abraçou-a e levou-a para casa. Foi então que ela contou de sua ida ao consultório do psiquiatra e do diagnóstico que ele lhe dera. Marco Túlio tentou consolá-la, tentou vender-lhe esperança. Abraçou-a e

beijou-a várias vezes na testa e no rosto, mas o terremoto já havia feito seus estragos.



Conhecendo a gravidade do transtorno psíquico de Camille, o psiquiatra convocou seu marido no dia seguinte. Como também desejava muito esse encontro, Marco Túlio mudou sua agenda e foi ver o médico. Estava decepcionado com ele. Mas o Dr. Claus disse claramente o que pensava e procurou alertá-lo.

– Camille margeia seus problemas, não enxerga dentro de si. É um ser humano impenetrável que se perde no redemoinho de sua capacidade de argumentar.

Querendo encontrar esperança quanto à saúde mental da mulher que amava, Marco Túlio ponderou:

– Mas doutor, a maioria de nós fica na superfície. Falamos dos outros, mas não temos coragem de enfrentar a nós mesmos. Camille pelo menos é cristalina, transparente, não dissimula.

– Mas o caso dela é muito sério. Não é possível levá-la a se interiorizar. Ela discute minha cultura, quer avaliar meu conhecimento e até a minha personalidade. É uma paciente altamente resistente ao tratamento. Ela deve tomar os remédios psiquiátricos sem questionamentos.

– Ajude-a, por favor.

– Sinto muito. Parece que quer me colocar no banco dos réus.

Insistindo para que o psiquiatra não desistisse da sua esposa, Marco Túlio tentou induzi-lo a mudar seus métodos. Isso só piorou as coisas.

– Desculpe, doutor, minha falta de cultura na sua área. Sou empresário e portanto tenho que me adaptar às necessidades do cliente, e não ele às minhas. Será que o senhor não poderia mudar sua abordagem...

O Dr. Claus entendeu o recado de Marco Túlio, mas interrompeu sua fala.

– Meu consultório, minhas regras. Quanto ao método psicoterapêutico, se sua mulher quiser se tratar comigo, a resposta é simples: ela tem que se adaptar ao método que escolhi. Não há concessão.

O marido estava perdendo as esperanças, um tratamento após outro, todos sem sucesso. Insistiu com o psiquiatra:

– Ela ficou abaladíssima com seu diagnóstico.

– Ficou? É um bom sinal, pois nada parece abalá-la.

– É possível que a doença dela seja um caso sem solução? – falou Marco Túlio com os olhos marejados.

– Não estou dizendo que é um caso sem solução, mas é um caso em franca evolução.

– Ela sempre foi mais desprendida e generosa que eu. Mais culta, mais inteligente, mais criativa.

– Doenças mentais não escolhem cultura. Mentes espetaculares também podem adoecer – respondeu o psiquiatra de maneira seca.

Marco Túlio pôs as mãos no queixo, parecendo querer segurar a cabeça. Em seguida, o psiquiatra fez um alerta, dando novamente seu diagnóstico e prognóstico, embora com mais brandura, pois lembrou-se da democracia das ideias expressas pela própria Camille.

– No meu entendimento, ela está desenvolvendo uma esquizofrenia paranoica que irá progredir. Se ela se recusar a se tratar, você não terá dias felizes pela frente.

– Não, não é possível. Esquizofrenia, não...

– Mas não é o fim do mundo. Há tratamentos. O paciente pode se estabilizar e recuperar sua qualidade de vida. Ela precisa confiar num profissional e seguir o tratamento direito, ter uma rotina – disse o Dr. Claus. – Mas, diante da resistência dela, creio que em breve Camille precisará ser internada compulsoriamente.

– Uma internação contra a vontade dela? Impossível!

– Está previsto em lei esse tipo de internação quando o paciente coloca em risco a própria integridade física e a de outros...

– Meu Deus, aonde Camille chegou! Que futuro teremos? Para que lutei tanto?

– Se o senhor não está satisfeito, tem o direito de se separar...

Ao ouvir a sugestão, Marco Túlio derramou-se em lágrimas na frente do psiquiatra. Estava indignado. Com a voz embargada, ele falou:

– No passado, tive ao meu redor muitas mulheres que me admiraram, mas só há uma que posso dizer que amei... Como me separar da mulher da minha vida no momento em que ela mais precisa de mim?

– A verdade dói.

– Sua sugestão me alivia como homem, me asfixia como amante e me mata como ser humano...

E assim se despediu. Camille não procurou mais o Dr. Claus nem outros psiquiatras. Cometeu um grave erro. Nos últimos tempos, ela se tratava só com neurologistas, que não eram especialistas em transtornos psíquicos. Tomava antidepressivos e tranquilizantes. Mas seus conflitos progrediam. Continuava cada vez mais intimista, isolada, encarcerada em seu mundo. Sentada na varanda de casa, sem prazer de viver, fugia da morte que desenhava em seu imaginário. Criava seus monstros e procurava mecanismos para escapar deles.

Depois de incontestável sucesso financeiro e solene fracasso emocional, o casal resolveu realizar seus sonhos: comprar uma magnífica fazenda. Um ambiente calmo, sereno, para Camille arejar sua mente e, quem sabe, começar um novo capítulo em sua história. Queimava em seu peito a chama de procurar a si mesma e começar tudo de novo. Mas, na mente humana, a sanidade e a loucura se mesclam, a criança e o adulto se entrelaçam, a coragem e a fragilidade se entremesclam. O desafio de Camille era saber por onde começar...

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter: @editoraarqueiro

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br